
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

DE GADOS E HOMENS: A CARNE PROCESSADA NA OBRA DE ANA PAULA MAIA

Lidiana de Oliveira Barros¹ (UFC)
e Fernanda Maria Abreu² (UFC)

RESUMO: A obra *De gados e homens* (2013), da escritora Ana Paula Maia, convida-nos a refletir sobre o consumo da carne numa sociedade capitalista moderna. Da carne dos trabalhadores precarizados no matadouro, corpos estes moldados no processo de trabalho, ao abate dos animais produtores de carne destinada às fábricas de hambúrguer. Diante dessa perspectiva, o texto literário nos permite pensar os impactos ambientais e sociais gerados por abatedouros. No contexto onde o crescimento da fome coincide com um pico na exportação de carne bovina, o romance de Maia emerge como uma obra atual no país. Este trabalho pretende, portanto, examinar a interação entre natureza e ação humana na narrativa, buscando compreender as diversas complexidades que a permeiam. Nas reflexões ora propostas, reconhecemos que a carne explícita na obra de Maia surge atravessada por inscrições políticas e culturais. Nesse sentido, sob o viés dos estudos animais no texto literário, o trabalho fundamenta-se nas contribuições de Vânia Márcia Damasceno Nogueira (2012), Peter Singer (2013), Gabriel Giorgi (2015) e Carol J. Adams (2018).

PALAVRAS-CHAVE: Carne; Trabalho; Ana Paula Maia.

DE GADOS E HOMENS: PROCESSED MEAT IN ANA PAULA MAIA'S NOVEL

ABSTRACT: *De gados e homens* (2013), by Ana Paula Maia, invites us to reflect on the consumption of meat in a modern capitalist society. From the meat of precarious workers in the slaughterhouse, in which such bodies are molded in the work process to the slaughter of meat-producing animals destined for hamburger factories. From this perspective, the literary text allows us to think about the environmental and social impacts generated by slaughterhouses. In the context where the growth of hunger coincides with a peak in beef exports, Maia's novel emerges as a current work in the country. Therefore, this work aims at examining the interaction between nature and human action in the narrative, seeking to understand the various complexities that permeate it. In thoughts proposed in her writing, it is possible to recognize that the explicit flesh in Maia's work is crossed by political and cultural inscriptions. In this sense, under the bias of animal studies in the literary text, this paper is based on the contributions by Vânia Márcia Damasceno Nogueira (2012), Peter Singer (2013), Gabriel Giorgi (2015), and Carol J. Adams (2018).

Keywords: meat; work; Ana Paula Maia.

¹ lidianaobarross@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-6520-1335>

² fernandacoutinho2@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0001-5367-6010>

Recebido em 26 de dezembro de 2021. Aprovado em 30 de junho de 2022.

A crise ambiental com a qual nos deparamos revela-se como consequência dos séculos de erosão antropocêntrica. De acordo com Leonardo Boff (2004), a vontade de dominar tudo está fazendo do animal humano um ser dominado pelos imperativos de uma Terra degradada. Nesse vínculo homem-natureza, estabelecido por uma relação de força onde o animal humano pensa que ele é o dominante, a natureza tem se mostrado implacável no poder de dominação. Os desastres ambientais das últimas décadas têm sido os maiores efeitos desse embate.

A escritora Ana Paula Maia é um dos nomes em destaque na literatura brasileira contemporânea. *O habitante das falhas subterrâneas* (2003) marca sua estreia literária. No entanto, é com a Trilogia dos Brutos— *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* (2009), *O trabalho sujo dos outros* (2009), e *Carvão animal* (2011)— que Maia passa a ganhar notoriedade. Suas narrativas são caracterizadas por uma natureza devastada, onde personagens humanos e animais não humanos interagem ao ponto de confundirem-se nessa relação. Excetuando a primeira obra, *O habitante das falhas subterrâneas* (2003), os livros que antecedem *De gados e homens* (2013) já trazem a marca da crueza no tratamento dos temas relacionados às vivências do homem com os animais não humanos. Esse aspecto já é previamente atestado, de maneira incisiva, pelo aparato paratextual, mais especificamente, a apresentação assinada pela autora, em “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos: duas novelas”:

Este livro reúne duas novelas literárias compostas de homens-bestas, que trabalham duro, sobrevivem com muito pouco, esperam o mínimo da vida e, em silêncio, carregam seus fardos e o dos outros. Os textos, em tom naturalista, retratam a amarga vida de homens que abatem porcos, recolhem o lixo, desentopem esgoto e quebram asfalto. Toda imundície de trabalho que nenhum de nós quer fazer, eles fazem, e sobrevivem disso. Fica por conta do leitor medir os fardos e contar as bestas. (Maia 2009: s. p.)

Essa intervenção da escritora antes das duas novelas anunciadas; a primeira, a novela-título, “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos”, e, a segunda, “O trabalho sujo dos outros” equivale a propor uma estética do desvelamento quanto às relações em exame, cabendo lembrar toda a carga semântica de desvelar e derivados: tirar o véu, descobrir, revelar ou esclarecer algo. Trazer luz às questões, portanto, envolvendo o leitor, a quem delega um papel judicativo, de avaliador, responsável pelas veladuras, exigidas pelas situações encenadas nas narrativas.

Edgar Wilson, protagonista central e recorrente nas obras de Maia, se inscreve nas “fronteiras de menos que humano e inumano” (Giorgi 2015: 102). Nesse sentido, o romance *De gados e homens* (2013) expõe os corpos de homens proletários em contiguidade com os gados e o cenário onde vivem: a região do “Vale dos Ruminantes”. O ambiente hostil no qual habitam se abre à alteridade desses corpos atravessados por inscrições políticas e culturais. Enquanto configuração estética, como obra de arte, o romance guia-nos a uma reflexão acerca da biopolítica, uma vez que as suas

operações “não só reescrevem e deslocam a oposição humano/animal, mas também a oposição que lhe é complementar, natureza/cultura” (Giorgi 2015: 30).

Os animais não humanos de Maia reconfiguram as lógicas de sua inscrição na cultura e na linguagem estética, na medida que interrogam o ordenamento de territórios, de corpos e de espécies. Percebemos que em seus personagens “não há uma distribuição simples entre humano e animal (...), mas uma multiplicação de zonas de vizinhança e de troca que não se deixam capturar sob os modelos de “vida animal” e “vida humana” (Giorgi 2015:32).

Edgar Wilson é moldado no universo ficcional dos abatedouros, sob um contexto visceral, onde a sobrevivência opera sem sentido algum. O anti-herói está sempre imerso no conflito com o outro. Karina Kristiane Vicelli reitera que o personagem “por trabalhar sempre com a morte e realizar atividades que ninguém quer realizar, é um renegado, um bastardo” (2021: 108). Solitário, Edgar está sempre a encontrar pares, espelhos, pessoas tão marginalizadas quanto ele. Tão espelho quanto os seus pares (párias) - Bronco Gil, Zeca, Burunto, Emetério e Santiago - é a natureza e tudo o que faz parte dela. No livro *De gados e homens*,

O rio está deserto. É um rio morto e raramente se vê alguém pescando nele. Alguns usam pequenos barcos rudimentares para atravessá-lo em dias calmos e outros arriscam buscar um peixe contaminado que ainda se debata (...) Chama-se Rio das Moscas, e, desde que os matadouros cresceram na região conhecida como Vale dos Ruminantes, suas águas limpas encheram-se de sangue. No fundo desse rio está depositado todo tipo de coisa, orgânica e inorgânica. Humana e animal. (Maia 2013: 35)

Assim, a vida humana é refletida no Rio das moscas, um rio de sangue comum aos seres vivos daquela região. A fragilidade dos alicerces que sustentam as dicotomias predominantes no pensamento ocidental eu/outro, racionalidade/animalidade, sujeito/objeto, percorre a água contaminada do rio. Afinal, em “lugares onde o sangue se mistura ao solo e à água é difícil fazer qualquer tipo de distinção entre o humano e o animal” (Maia 2013: 68).

No texto, o gado é metaforicamente associado ao homem e vice-versa. A narrativa gira em torno do trabalho exercido por Edgar Wilson, o de atordoador num abatedouro. Matar é, para este personagem, a prática essencial. Edgar Wilson praticamente hipnotiza os bichos, enquanto se vê em cada animal que abate. Acreditando que o animal tem alma, sabe que, embora tudo acabe ali, não é ali que tudo acaba. “Não sente orgulho do trabalho que executa, mas se alguém deve fazê-lo que seja ele, que tem piedade dos irracionais” (Maia 2013: 13).

Derrida, em *A besta e o soberano* (2016), questiona as dicotomias legitimadas pelo pensamento ocidental acerca das diferenças hierarquizantes entre a espécie humana e as outras espécies. No movimento de desconstrução dessas dicotomias, o filósofo desestabiliza os limites entre soberania e animalidade, colocando em xeque as su-

postas propriedades que, de acordo com a tradição filosófica de feição cartesiana, separariam os homens de outros animais.

Ainda de acordo com Derrida, os comandos atribuídos como “próprios do homem” serviram não só para o estabelecimento de uma radical cisão entre homem e animal, humanidade e animalidade, mas também para a legitimação das práticas humanas de violência e assujeitamento dos demais viventes.

Quando lançamos um olhar sobre o personagem Edgar Wilson, percebemos a razão ocidental e a compaixão formando um par dialético que acaba por se desdobrar na violência. No livro *Para uma crítica da compaixão*, Márcio Seligmann-Silva diz:

a razão ocidental sempre tendeu a incorporar o “outro”, torná-lo um dos seus para dominá-lo, colonizá-lo. Esta inclusão não elimina, no entanto, a violência, que é tanto cultural (...) como corpórea, na medida em que explora o “outro” economicamente e politicamente (...) Esta dialética leva a uma paradoxal incorporação violenta do outro, que destrói as diferenças sob o manto da solidariedade. (2009: 93)

Bronco Gil, companheiro de trabalho de Edgar Wilson no abatedouro, ao lidar com um pequeno grupo de mulheres miseráveis, que mora nas redondezas e sobrevive de comer o gado morto nos transportes, vivencia o mesmo conflito:

Quando um carregamento chega, eles atravessam a porteira horas depois. Sempre há alguém de sentinela nas estradas, vigiando o tráfego de cargas de gado. Bronco Gil não os tolera, mas no fundo sente pena (...) — Fiquem lá fora, depois da porteira. Se escondam no mato porque o meu patrão não quer vocês por aqui. E, se eu perder o meu emprego, eu juro que mato todas vocês. (Maia 2013: 56-57)

Como reitera Gabriel Giorgi, o animal chega à cultura para impugnar uma ordem política, chega “junto” ao trabalhador, ao explorado, ao escravizado, em seus corpos como corpo, pois:

Essa intersecção entre o animal e o povo, o povo-animal não refere somente os estereótipos da imaginação civilizatória, racista e classista que “animaliza” os outros sociais: é também a ferramenta de um saber que desafia uma biopolítica que produz os corpos e os ordena para dominá-los: para traçar a partir dali as distinções entre as vidas visíveis e as vidas insignificantes. (2015: 107)

E nessa cadeia hierárquica, Bronco Gil ordena a Tonho, um peão da fazenda, que corte partes de uma das vacas mortas para as mulheres que esperam do outro lado da porteira. “Tonho despeja um saco com pedaços gordos da vaca aos pés das mulheres, que precisam disputar com uma matilha de cães famintos que rodeiam o matadouro” (Maia 2013: 58). *De gados e homens* emerge como uma obra atual no Brasil,

onde a fome avança e atinge cada vez mais a população. Notícias de pessoas em filas de frigoríficos para conseguir doações de ossos tornaram-se bastante corriqueiras, como revela o *podcast* “Durma com essa”, do *Nexo jornal*: “Procura por restos rejeitados por mercados e açougues compõe retrato da fome num Brasil assolado por alto desemprego e inflação crescente” (Pellegrini & Corsalette 2021). Situação que nos leva a refletir sobre a miséria humana e as suas fronteiras entre o factual e o ficcional assolado por alto desemprego e inflação crescente

Vânia Márcia Damasceno Nogueira, em *Direitos fundamentais dos animais*, afirma que a redução das áreas plantadas em relação ao crescimento populacional já é algo observado há algum tempo. “A pecuária utiliza 30% de todo o solo do planeta, criando animais para indústrias variadas, incluindo 33% das terras cultiváveis, usadas para produzir comida para os animais explorados nessa atividade” (2012: 205).

Ainda de acordo com Nogueira, para cada um quilo de proteína animal destinado ao mercado gasta-se em média cerca de 6 quilos de proteína para a alimentação desses animais. Alimentos provenientes de grãos e forragem, a maioria composta de soja plantada no Brasil. Desse modo, a criação de animais para o mercado consumidor, além de outros fatores, condena muitos seres humanos a passar fome.

O mercado consumidor como gerador do sofrimento animal (inclusive aqui o animal humano) aparece entre os modos de exploração contra os quais a narrativa se insurge. É o que percebemos, por exemplo, no diálogo entre Edgar Wilson e Erasmo Wagner, personagem que trabalha na construção de uma fábrica de hambúrguer da região:

— É bem provável que a criação de gado por esta região aumente —comenta Erasmo Wagner.

— É, com mais uma fábrica de hambúrguer, vão precisar de mais carne. O trabalho lá no matadouro vai aumentar também.

— Quantas cabeças você abate por dia?

— Depende do lote. Às vezes sessenta, noventa. Já cheguei a abater cento e setenta cabeças num dia. No fim da noite eu não sentia mais o meu braço (...)

— Gosta do seu trabalho lá no matadouro?

— Gosto. Às vezes não quero lidar tanto assim com o sangue, com a morte, mas... é o que eu faço.

Erasmo Wagner traga longamente o cigarro e expele a fumaça pela janela. O vento morno e cortante a faz dissipar, desmanchando seus rastros.

— Alguém precisa fazer o trabalho sujo. O trabalho sujo dos outros. Ninguém quer fazer esse tipo de coisa. (Maia 2013: 16)

O texto alude ao fato de que cada vez mais o ser humano é incentivado a consumir maiores quantidades de carne no mundo. Com uma jornada de trabalho acelerada e o horário reduzido até para se alimentar, as cadeias de alimentos rápidos (*fast food*), com seus cardápios constituídos basicamente de carne, contribuem para o aumento gradual desse consumo. No livro de Maia, “o consumo em demasia e desnecessário é

representado como gerador da violência trabalhista” (Vicelli 2021: 126), o sofrimento humano e animal se inter-relacionam. *De gados e homens* apresenta, portanto, a fazenda “Touro do Milo” como uma alegoria para o tratamento do trabalhador numa sociedade capitalista moderna:

Edgar Wilson nunca comeu um hambúrguer, mas sabe que a carne é moída, prensada e achatada em formato de disco. Depois de frita, é colocada entre duas fatias de pão redondo recheado com folhas de alface, tomate e molho. O preço de um hambúrguer equivale a dez vacas abatidas por Edgar, já que recebe centavos por cada animal que derruba. Por dia precisa matar mais de cem vacas e boi e trabalha seis dias na semana, folgando apenas no domingo. (Maia 2013: 13)

A carne fragmentada, retalhada pelo capitalismo, é o destino tanto dos animais quanto dos trabalhadores do matadouro. Ao se referir ao trabalho de Henry Ford, que atribuiu a ideia da linha de montagem às atividades fragmentadas da matança de animais a que assistiu, Carol J. Adams argumenta que o capitalismo moderno é uma construção baseada no desmembramento e na fragmentação. De acordo com essa perspectiva, na “linha de desmontagem” dos açougues, uma das coisas básicas que precisam acontecer é que o animal deve ser tratado como um objeto inerte, e não como um ser vivo que respira. Do mesmo modo, os trabalhadores “têm de aceitar em grande escala a dupla aniquilação do eu: precisam não só negar a sua pessoa como também aceitar a ausência cultural da referência dos animais” (Adams 2018: 94).

Na fazenda “Touro do Milo”, os funcionários são deslocados de suas funções constantemente. Vale ressaltar a passagem de Edgar Wilson pela fábrica de hambúrguer, assumindo, por ora, a função de contador da empresa:

Dez minutos depois, um homem de terno entra no escritório e senta-se à mesa. Edgar se levanta e, diante do homem, que parece estar muito ocupado e aborrecido, estende a ordem de cobrança.

— O Seu Milo me mandou aqui.

O homem olha para ele por alguns segundos, de cima a baixo. Aperta seguidamente o botão no topo de uma caneta lustrosa, e o barulhinho irritante parece confortável para ele.

— Seu Milo?

— O dono do matadouro Touro do Milo.

— Ah, sim, Seu Milo... nosso fornecedor. — O homem faz uma pausa.

— Então, em que posso ajudar?

— Tenho uma ordem de cobrança.

— Você é o contador dele?

— Não senhor, eu sou o atordoado.

Federico é o nome do homem. Edgar Wilson consegue ler no crachá preso no bolso do paletó, à altura do peito.

— Como? — franze o cenho.

— O atordoador.

Federico acha melhor interromper a conversa. Imagina o trabalho que o homem diante dele faz e não gosta de pensar nisso. Olha para o resto do seu almoço sobre a mesa: um hambúrguer com molho de mostarda escura levemente apimentada e pickles. (Maia 2013: 18-19)

O diálogo entre Edgar e Frederico nos faz pensar sobre a ideia de “referente ausente” defendida por Adams. Um conceito que consiste em explicitar a influência do uso da língua para a normatização de uma cultura patriarcal e consumidora de carne. Os animais se tornam ausentes na medida em que negamos as palavras que evocam morte e retalhamento para nos referirmos aos alimentos que são feitos a partir deles. Frederico, por um momento, relaciona a função de Edgar à carne que acabara de consumir. No entanto, prefere alienar-se dos dois. Assim como ocorre com a carne do hambúrguer, a fragmentação da carne trabalhadora na lógica do “capitalismo avançado permite que a parte desmembrada represente o todo” (Adams, 2018: 95).

Com efeito, o jornal *Metrópoles*, em 2017, mereceu destaque por trazer uma matéria intitulada “Ossos do ofício”. A reportagem desvela todo o processo por trás do bife e do churrasco presentes nas refeições: uma cadeia produtiva na qual trabalhadores são tratados como gados. Os trabalhadores, através de seus depoimentos, narram casos que vão desde lesões permanentes a mutilações de membros dos seus corpos. Acidentes que se devem, sobretudo, ao ambiente de insalubridade dos abatedouros. *De gados e homens* retrata a mutilação e doenças adquiridas por Emetério, o funcionário mais velho daquele lugar irrespirável:

O velho Emetério recolhe com uma pá o estrume do gado de um dos currais vazios. Ele enche baldes de excrementos e os joga dentro de um galão. Faz alguns dias que ocupa este novo posto, desde que se acidentou com uma faca enquanto a manuseava no setor de graxaria. Está agradecido por não ter sido despedido e por não ter decepado o dedo. Sua visão já não é boa como antes e as mãos tornam-se rígidas a cada dia. As juntas dos ossos parecem enferrujadas. Sente dores nas articulações, porém o velho jamais permite se abater, pois permanece vigoroso com seu sorriso murcho e as costas erguidas. (Maia 2013: 73)

Maia detalha, em sua narrativa, o processo de fragmentação da carne. Uma atividade velada pelo mercado consumidor, logo por se tratar de um processo pelo qual o referente vivo desaparece. Para Peter Singer (2013), geralmente, costumamos ignorar os maus-tratos cometidos contra as criaturas vivas que estão por trás dos alimentos que ingerimos. Singer afirma que, para a maioria dos seres humanos, principalmente aqueles que vivem em centros urbanos e suburbanos modernos, a maneira mais direta de contato com animais não humanos ocorre durante as refeições.

De acordo com o filósofo, esse simples fato está no cerne de nossas atitudes para com outros animais. Ou seja, o consumo desses alimentos é a culminância de um longo processo onde o todo é afastado de nossos olhos, sobrando espaço somente

para os produtos finais. Estes quase não sangram e, geralmente, são dispostos nas prateleiras dos supermercados em embalagens plásticas limpas.

Diante dessa perspectiva, Singer atribui à palavra “carne” uma característica enganosa. Um termo genérico que contribui para evitarmos encarar o fato de que os pedaços do corpo de um ser vivo fazem parte das nossas refeições. A palavra gera “disfarces linguísticos” que “encobrem a camada superior de uma ignorância muito mais profunda quanto à origem dos alimentos” (Singer 2013: 140).

Ao corroborar com essa ideia, Carol J. Adams argumenta que após os animais se tornarem “referentes ausentes” é impossível para alguém imaginar um contato com aquele animal que está ali compondo a sua refeição. Essa interação ganha outro significado, redenominada por ela de “contato com comida”. Adams observa:

esse constrangimento quando as pessoas não querem ser lembradas do que estão comendo enquanto comem, nem tampouco ser informadas das atividades dos matadouros, que tornam possível a existência da carne (...) O arcabouço intelectual da linguagem que encobre o consumo da carne evita que essas reações emocionais sejam examinadas. Isso nada tem de novo; a linguagem sempre nos ajudou a evitar problemas penosos de conceptualização, ofuscando a situação (...) A linguagem nos distancia da realidade do consumo da carne, reforçando com isso o significado simbólico deste, um significado simbólico intrinsecamente patriarcal e voltado para o homem. A carne se torna um símbolo do que não é visto mas está sempre presente — o controle patriarcal dos animais e da linguagem. (2018: 110)

O pensamento de Adams nos leva para o momento da narrativa onde um grupo de estudantes universitários visita a fazenda, a fim de acompanhar o percurso da carne até a fábrica de hambúrguer. Seu Milo, o patrão, inicialmente rejeita a ideia, mas logo acaba cedendo aos apelos do professor. Para Edgar Wilson, esses visitantes “não sabem o que vão encontrar”, e talvez nem vejam todo o processo, “pois certamente ninguém sai impune depois de entrar num matadouro” (Maia 2013: 62).

Presenciar o atordoamento de bois e vacas deixa, em determinado momento, o professor e o grupo de estudantes consternados. Uma estudante confronta Edgar e questiona-o sobre a sua função, comparando-a com a de um assassino. Edgar observa os sapatos de couro da estudante e pergunta se ela já comeu um hambúrguer. A mulher responde que sim com a cabeça e o atordoador a questiona sobre como ela acha que o hambúrguer foi parar lá. Ao entregar-lhe a marreta e abrir a porta do boxe de atordoamento, Edgar faz o convite para ela mesma descobrir o processo que começa logo ali:

Edgar Wilson conhece o seu lugar e entende bem quais são as suas obrigações. Jamais foi questionado quanto às suas tarefas. Lida com homens de gado e mulheres miseráveis todo o tempo. Está habituado ao calor, à poeira, às moscas, ao sangue e à morte. É nisto que consiste um matadouro. Mata-se.

Jamais tentou cruzar a cidade e ir do outro lado questionar a maneira como preparam os filés que ele jamais comerá. Ele não se importa com isso. Não se importa com quem comerá o boi que abate, importa-se em encomendar a alma de cada ruminante que cruza o seu caminho. Acredita que eles possuem uma e que ele dará conta de cada uma delas quando morrer. De cada quinhentos uma alma. (Maia 2013: 71)

Vale destacar que as expressões “ninguém sairá impune” e “alguém precisa fazer o trabalho sujo dos outros” aparecem constantemente ao longo das narrativas de Ana Paula Maia, um desconforto direcionado ao leitor. Citações bíblicas reforçam o trânsito do personagem nessa linha tênue que envolve o bem e o mal. A religião aparece para Edgar como norteadora de seus princípios, embora ele reconheça que o seu comportamento violento o afasta do perdão divino. O personagem admite os seus atos, porém, a narrativa reforça que ele não está sozinho.

Segundo Matthew Scully (2018), no raciocínio legal e moral, as motivações são critérios para medir punições a quem esteja errado. Assim, a gravidade moral dos crimes não depende dos motivos do agressor, mas do mal à vítima. Quando se julga a culpabilidade de um erro específico avaliam-se motivações subjetivas, que serão pesadas como provas de premeditação, capacidade mental etc. Esses princípios são aplicados mesmo em casos de legítima defesa ou de mortes causadas na guerra, não consideradas moralmente boas, no entanto, como um mal necessário.

Todavia, quando está em pauta a violência com os animais, todo ato é analisado segundo o motivo. Nesta circunstância, somos proibidos de assumir a intenção vinda diretamente do ato. Scully mostra-se crítico a essas teorias estritamente morais, que concebem um ato como mau se o motivo for mau, e bom se seu motivo for bom. Trata-se de uma linha de raciocínio que acredita na caçada esportiva, por exemplo, como uma prática positiva para a construção de vínculos entre os caçadores.

De acordo com Scully, essa lei moral, cuja compreensão separa homens de bichos, na prática, acaba refletindo uma ausência efetiva da lei. Cada um é “deixado a avaliar seus próprios motivos, a responder apenas a seus próprios julgamentos e só encarar punições se confessar o erro” (Scully 2018: 439). Em contrapartida, na obra de Maia, homens e bichos, ambos, se encaixam nessa mesma perspectiva.

Depois que Edgar mata Zeca, um colega de trabalho que intensificava, propositalmente, o sofrimento animal no abate, ele mesmo acaba julgando a sua atitude como pertinente ao ver Santiago: “Edgar Wilson está satisfeito com o trabalho do novo colega e percebe como estava certo em ter despachado o Zeca para o fundo do rio. Até o momento ninguém apareceu para saber dele” (Maia 2013: 68).

Zeca é assassinado por Edgar da mesma forma que o gado, com a mesma ferramenta de trabalho. E “como ninguém questiona a morte dentro do matadouro, certamente Zeca, cuja racionalidade estava equiparada à dos ruminantes, teria sua morte ignorada” (Maia 2013: 38). Outra morte banalizada é a de Burunga, ao sofrer um choque provocado por uma enguia-elétrica adotada por Santiago. Depois do acidente,

Santiago entra no carro da polícia e senta-se no banco traseiro. Seu Milo os segue na sua caminhonete e pede aos homens que retornem ao trabalho e que ninguém vá embora, que todos devem trabalhar pela noite e pela madrugada. O funcionamento do matadouro não pode ser prejudicado por causa da morte de um homem, pois ainda restam muitos bois a serem abatidos. (Maia 2013: 92)

Assim, a morte de Zeca, de Burunga e dos outros animais, é aceitável tanto por Edgar quanto para o patrão, Seu Milo. Como observa Carol J. Adams:

Para muitos, isso não é perturbador nem surpreendente. A morte dos outros animais é uma parte aceita da vida, seja por ser considerada permitida por um Deus privilegiador dos seres humanos, que nos diz que podemos dominar os animais (Gênesis 1: 26), seja por ser conceptualizada como um direito que nos é concedido pela nossa racionalidade superior (...) De modo geral, a nossa cultura aceita a opressão dos animais e não vê, na exploração dos animais para a vantagem das pessoas, nada perturbador no que diz respeito ao aspecto ético ou político. (2018: 109)

Na obra de Maia os animais são o referente ausente no ato de comer carne. Logo, tornam-se também o referente ausente nos personagens trabalhadores subjugados, fragmentados, no exercício do abate. Ambos estão no mesmo nível de sujeição. O que nos leva a divagar: por que são reduzidos? O conceito de referente ausente, como alude Adams, tem implicações que perpassam as opressões de gênero, raça e classe. Gados e homens convergem em si a vulnerabilidade de políticas de insurreição. Trabalhadores e animais compartilham a indiferença e os riscos de sobrevivência.

Nesse sentido, a violência empregada na narrativa silencia uma política de insurreição animal na medida em que desvela um mercado de consumo que precisa ser alimentado. Concomitantemente observamos que a carne na obra de Maia carrega um sentido de politização, visto que desestabiliza uma ordem biopolítica dos corpos. Nós, leitores, somos levados a refletir até onde fomos moldados pela estrutura do referente ausente e o quanto nos tornamos participantes dela.

OBRAS CITADAS

ADAMS, Carol J. *A política sexual da carne: A relação entre o carnivorismo e a dominância masculina*. Trad. Cristina Cupertino. São Paulo: Alaúde, 2018.

ALMEIDA, K., J. Cavalcante & O. Valle. *Ossos do ofício*. *Metrópoles*, Brasília, 2017. Disponível em: <https://www.metropoles.com/materias-especiais/ossos-do-oficio>.

BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

DERRIDA, Jacques. *A besta e o soberano*. (Seminário): vol I (2001-2002). Trad. Marco Antônio Casa Nova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2016.

GIORGI, Gabriel. *Formas comuns: animalidade, literatura, biopolítica*. Trad. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

MAIA, Ana Paula. *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos: duas novelas*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MAIA, Ana Paula. *De gados e homens*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

NOGUEIRA, Vania Márcia Damasceno. *Os direitos fundamentais dos animais: a construção jurídica de uma titularidade além dos seres humanos*. Belo Horizonte: Arraes, 2012.

PELLEGRINI, Aline, & Conrado Corsalette apes. *Durma com essa: Como a fila do osso virou símbolo da miséria nacional*. *Nexo Jornal*, 30 setembro 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/podcast/2021/09/30/Como-a-fila-do-osso-virou-s%C3%ADmbolo-da-mis%C3%A9ria-nacional>.

SCULLY, Matthew. *Domínio: O poder do ser humano, o sofrimento dos animais e um pedido de misericórdia*. Trad. Catharina Epprecht. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Para uma crítica da compaixão*. São Paulo: Lumme, 2009.

SINGER, Peter. *Libertação animal*. Trad. Marly Winckler e Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

VICELLI, Karina Kristiane. *Violência e bastardos na obra de Ana Paula Maia*. Dourados: Arrebol coletivo, 2021.